

**A IMPORTÂNCIA DE UM MESTRE
NA MINHA FORMAÇÃO
DE PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA:
HOMENAGEM A GLADSTONE CHAVES DE MELO²**

Carlos Eduardo Falcão Uchôa (UFF / ABF)

RESUMO

O artigo intenta mostrar a relevância que a leitura de uma obra pode ter para a formação profissional, no caso a do professor de Língua Portuguesa. A obra focalizada é *Iniciação à Filologia Portuguesa*, de Gladstone Chaves de Melo, lida pelo Autor do artigo nos fins dos anos cinquenta, quando ainda era calouro do curso de Letras.

Palavras-chave: gramatiquice; diversidade dos usos lingüísticos; estilística; edição fidedigna.

Antes de mais nada, quero aplaudir a justa homenagem que a Coordenação do VII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia presta a um dos mais destacados filólogos brasileiros, o Professor Gladstone Chaves de Melo, dedicando a ele este Congresso, numa decisão que me calou fundo, já que reverenciar velhos mestres, aqueles que, no caso, ajudaram a pavimentar um caminho de seriedade em relação ao estudo da Língua Portuguesa entre nós, é sempre uma atitude sábia, uma vez propiciadora de se engrenar as idéias atuais com as do passado. Se é certo que, pelo passado, não se explica todo o presente, também é certo que a ignorância do passado prejudica a compreensão do presente. Afinal, não se concebe uma ciência total apenas no seu estado presente. O mito do presente, do atual, do último – *ismo*, tão evidente em nossa época, representa uma não visualização do processo histórico. Este Congresso, homenageando a Gladstone Chaves de Melo, oferece-me a oportunidade de alertar, sobretudo os que ora se iniciam nos estudos da língua materna, do relativismo que o hoje significa para qualquer ciência. Que a atenção dos jovens não seja envolvida pela sedução do atual, para poderem então se concentrar, atitude que se espera de um estudioso sério, de um cientista, na busca do que lhes parecer verdadeiro, consistente,

² Texto apresentado ao VII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. UERJ, 25 a 29 de agosto de 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

seja qual for a sua idade. Parabéns, pois, aos organizadores deste Congresso pela iniciativa, pouco habitual hoje em nosso mundo acadêmico, de homenagear uma figura de real valor do nosso passado próximo no campo do estudo e do ensino da Língua Portuguesa.

Não se pode hoje falar de Gladstone Chaves de Melo e de sua polifacetada obra sem que se reporte ao nº 22, relativo ao 2º semestre de 2001, da *Confluência*, revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, dedicado ao nosso filólogo, de que constam: cuidadoso e utilíssimo estudo de Maximiano de Carvalho e Silva “Gladstone Chaves de Melo: o homem e a obra”, seguido de “Depoimentos e Documentos” sobre o homenageado e finalizado com uma seleção de textos do autor, de responsabilidade de Maximiano de Carvalho e Silva e Rosalvo do Valle. São duzentas e sessenta e cinco páginas (265) que atestam o alto valor e o prestígio deste intelectual que, como filólogo, influenciou na formação de várias gerações interessadas no estudo da linguagem, mormente no da Língua Portuguesa.

Minha singela contribuição nesta mesa-redonda inicial deste Congresso terá um caráter muito pessoal: quero apenas dizer alguma coisa, à maneira de um breve depoimento, sobre a influência, importante, do Professor Gladstone Chaves de Melo na minha formação.

Começo por esclarecer que vim a conhecer de nome o Professor Gladstone (nunca deixei de chamá-lo assim) como aluno do Curso de Letras Clássicas da então Faculdade Nacional de Filosofia, onde ele era professor livre-docente, mas licenciado, por força do mandato de vereador, que então exercia, do antigo Distrito Federal. Só o conheci pessoalmente anos mais tarde, na Universidade Federal Fluminense, onde seria seu colega, durante muitos anos, e aluno, em quatro cursos, no Mestrado recém-criado pela Universidade. Como aluno, aluno calouro de Letras, o meu conhecimento do Professor Gladstone se deu através da leitura de uma de suas mais conhecidas obras: *Iniciação à filologia portuguesa*, em sua 2ª edição (de 1956).

Vou destacar quatro pontos da leitura atenta desta obra que foram muito importantes para a formação de quem então (final dos anos 50) iniciava o curso superior.

O primeiro deles foi a denúncia contundente do autor contra a

falta de formação científica de muitos que se julgavam mestres da língua, mais especificamente no campo do estudo gramatical. Gladstone, já no prefácio da 1ª edição (de 1949), denuncia “os charlatães, os gramatiqueros, os obsessos do erro e da gramática de bitola estreita”. O autor, na verdade, se insurge contra toda uma orientação de estudo e de ensino gramatical da língua que eu, como tantos, tinha sido vítima durante os meus cursos ginásial e científico. Pela primeira vez via empregada a palavra *gramatiquice* (daí *gramatiquero*), entendida como a aberração da Gramática, que, segundo palavras do filólogo, *deduz* normas lingüísticas apelando muitas vezes, por exemplo, para uma lógica, inaplicável em semelhante matéria (p. 52)³; por isso rejeitavam, alguns gramatiqueros, uma concordância como “um dos que mais trabalhou”. Os falsos gramáticos inventavam, pois, regras contra os fatos: não se começa a frase por *porém*, a forma correta é *registro*, não se pode preceder de “o” o “que” interrogativo, não se pode dar o mesmo complemento a verbos de regimes diversos, não se deve adotar a regência “amor por” e tanta invencione mais (p. 51-52). Valho-me de frases de mestre Gladstone contra os falsos vernaculistas, selecionadas, para a construção do meu texto, de várias passagens de sua *Iniciação*: “E dá-lhe a condenar isto e aquilo, como galicismo, como barbarismo e sei lá que mais” (p. 44).

O resultado de tudo é que o fundamento da gramatiquice fica sendo o capricho pessoal, a opinião, qualquer coisa de essencialmente múltiplo e variável. E então vêm as querelas, vem o ‘Fulano acha’, o ‘Beltrano prefere’, ‘Sincrano condena’. Vem o argumento de autoridade, vêm as inúteis citações de vernaculistas de má morte (p. 45).

Não se atendo a fatos documentados, estes falsos gramáticos não poderiam ter, pois, autoridade, nem merecer fé.

Como tinha sido eu, nos meus estudos secundários, vítima do capricho dos chamados gramatiqueros! O ensino recebido – passava a ter, então, com a leitura da obra de Gladstone, uma visão clara da orientação equivocada transmitida nos bancos escolares – privilegiava, de fato, o erro, havia, com efeito, a obsessão do erro, que só podia gerar insegurança, grave inibição nas atividades de escrita. Não sem razão, pois, é que

³ Citarei sempre pela 3ª edição (de 1965), através da qual a obra se tornaria mais conhecida, integrante da Biblioteca Brasileira de Filologia, da Livraria Acadêmica.

Inventaram, ou ressuscitaram ou divulgaram, lembra Gladstone, um processo de se estudar a língua, conhecido por ‘correção de textos’. Consiste ele em colecionar ou forjar uma multidão de frases aleijadas, estropiadas, monstruosas e às vezes até certas, para os alunos corrigir (p. 271).

Como me foi importante, logo no início da minha formação universitária, ter esta noção do autoritarismo, da falta de fundamentação que presidira o meu estudo gramatical da língua materna. Evidentemente que me foi difícil ir desgarrando-me das amarras deste autoritarismo, que tanto me inibia ao redigir os meus trabalhos acadêmicos.

A Gramática, ao contrário, elucida Gladstone a seguir, é uma sistematização dos fatos da língua culta, quase sempre da contemporânea, cuja técnica de elaboração “exige que a norma *induzida* dos textos se apóie em fatos numerosos (e não isolados ou excepcionais) de bons autores modernos e colhidos com rigor de crítica” (p. 53). “Assim organizada”, prossegue Gladstone,

uma Gramática é algo de respeitável e de objetivo, que dará notícia honesta e fiel de um estado lingüístico e que, por isso mesmo, não se prestará às antigas brigas de puristas [...], reduzida a mero jogo de opiniões pessoais’ (p. 53).

É necessário, afirma Gladstone, em outra passagem de sua obra,

que haja um certo número de ocorrências do fato [...] para que se possa formular a regra. Aqui também, “*testis unus, testis nullus*”, ou, à moda da casa, “uma andorinha não faz verão”, tanto é verdade que a norma lingüística decorre dos hábitos da língua. Logo, não basta, digamos, que se encontrem dois exemplos da combinação “se o”, para que se afirme que o gênio da língua tolera essa conjunção (p. 48).

Passava eu, então, a compreender as freqüentes querelas gramaticais, que, embora me interessasse tanto por estudos gramaticais, alimentavam minhas justificáveis desconfianças quanto ao seu caráter de investigação científica. Os falsos gramáticos, sem formação adequada, orgulhavam-se, gabavam-se mesmo, em competição marcada pela vaidade, em pinçar neste ou naquele autor uma forma ou construção rara, inusitada, o que não era difícil de ser alcançado, pois se debruçavam em obras do extenso período que vai do século XVI ao início do XX. Mas tais “achados”, além da insegurança que causavam aos que se interessavam pelo estudo sério da língua, davam

corpo, na mente de tanta gente (como na minha), a essa tolice, referida por Gladstone, “de que não há erro que não se possa defender com um clássico” (p. 41).

Foi, então, com base na lição de Gladstone Chaves de Melo que, como aluno calouro de Letras, passei a poder distinguir os gramáticos dos gramaticóides.

Foi ainda, lendo a *Iniciação* de Gladstone Chaves de Melo – eis o segundo ponto em que o conhecimento desta sua obra foi importante para a minha formação – que comecei a refletir mais na diversidade dos usos lingüísticos, hoje objeto da tão estudada, sob enfoques distintos, variação lingüística, na verdade, um dos objetos teóricos mais focalizados pela Lingüística, sobretudo a partir dos anos 60 do século passado.

É de mister, esclarece Gladstone, não esquecer que qualquer língua se presta a vários usos – literário, coloquial, cerimonioso, íntimo, infantil, regional – cada um dos quais com sua norma, isto é, seus hábitos sancionados próprios (p. 53).

Gladstone reconhece, assim, que cada uso tem a sua gramática própria, interiorizada, ao contrário de não poucos estudiosos da época para quem o uso coloquial, por exemplo, não passava de desvios do uso culto. Apenas para Gladstone, só se codificaria a gramática dos fatos da língua literária, idéia predominante na época, pelo menos das duas primeiras edições da obra (1949 e 1956, respectivamente). De modo que, para ele,

o uso lingüístico popular do Rio Grande do Sul só interessa aos naturais e habitantes daqueles rincões, porque o fim dessa linguagem é prático, resume-se na intercomunicação viva. Por isso, conclui, normalmente não há necessidade nem utilidade comum em levantar-se a gramática do dialeto ou variante local (p. 44).

Poucos anos depois, sabe-se, firmam-se, entre nós, a Dialetologia, a Sociolingüística e a Estilística, que viriam a evidenciar a importância científica, e também prática com vistas, por exemplo, ao ensino da língua, de proceder ao levantamento dos fatos observados nas mais diversas variedades regionais, sociais e situacionais. A propósito da inadequação lingüística, de que tanto se fala de uns tempos para cá, Gladstone já mostra, em relação aos “textos para corrigir”, “a maciça incompreensão da situação lingüística” (p. 272). Mostra, assim, que quando o tom da frase é repreensivo, a situação supõe li-

berdade e autoridade no sujeito-falante em relação ao sujeito-ouvinte, que cria a expectativa de uma linguagem coloquial, viva (p. 272).

Foi, então, também, com base na lição de Gladstone Chaves de Melo que, como aluno calouro de Letras, passei a correlacionar o fato lingüístico observado com a situação em que ocorria.

Um terceiro ponto em que a leitura da *Iniciação* foi de grande valia, diria, para a minha geração: a distinção entre Gramática e Estilística, esta, disciplina, na época, nova e ainda em gestação. Para o autor,

A Gramática sistematiza os fatos da língua literária atual: é apenas um rol, um catálogo honesto, estabelecido com rigor e método. A Estilística é mais fina e vai mais longe: busca descobrir o porquê da escolha que fez este e aquele falante, quando preferiu entre duas ou três possibilidades uma; busca descobrir a adequação entre expressão e a situação lingüística concreta, a ver se a escolha bem se ajustou a tal situação concreta [...]; busca estudar ordenadamente os processos de que dispõe a língua para que o falante, de par com o conceito que emite, exteriorize a sua emoção, a impressão afetiva que nele causa o enunciado (p. 52)

Gladstone toma um exemplo ilustrativo, para marcar a distinção entre Gramática e Estilística, num passo conhecido de *Lendas e Narrativas* de Alexandre Herculano: “Misericórdia! *bradou* toda aquela multidão, ao passar por el-rei; e *caíram* de bruços sobre as lájeas do pavimento”. “Aqui”, esclarece o filólogo,

a Gramática anotará que se usaram, lado a lado, dois tipos de concordância – *bradou* e *caíram* -; a primeira, lógica, a segunda, ideológica. Cabe à Estilística procurar a razão por que o romântico português usou um verbo no singular e em seguida outro no plural, referidos ambos ao mesmo sujeito. E descobrirá que, no primeiro caso, o verbo no singular indica o uníssono do brado e que, na segunda vez, o verbo no plural deixa sentir bem nítida a pluralidade da ação executada (p. 46).

Com base, uma vez mais, na lição de Gladstone Chaves de Melo, é que, como aluno calouro de Letras, passei a perceber a importância da Estilística para combater a tirania da Gramática, prejudicial tantas vezes à espontaneidade do estilo.

Por fim, o quarto e último ponto em que a leitura da *Iniciação* foi de grande importância para a minha formação: o estudioso da língua deve saber escolher o texto de que irá valer-se, ou seja, saber valer-se de uma edição fidedigna que respeita a realidade do texto do autor:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Entre tantas edições de um livro, algumas há, esclarece Gladstone, que não valem nada, outras existem boas e fidedignas. O filólogo deve ser capaz de discriminar as edições e valer-se sempre dos bons textos (p. 35-6).

Esta preocupação com a crítica textual era algo novo para mim, que não sabia até então ter lido quase todo o Machado de Assis numa edição nada fidedigna. Gladstone continua:

É muito velho e desastrado costume, que têm editores inconscientes e ignorantes, de corrigir o autor. Então, nas edições que fazem tais senhores aparece o texto alterado, ‘corrigido dos erros mais notáveis’. Isso acontece com textos antigos e modernos (p. 37-8).

E a seguir:

Até em textos modernos se verificam deturpações, alterações e correções. Acontece, por exemplo, nessas edições que andam por aí de *Iracema* ler-se, logo no primeiro capítulo, “Aonde vai” (duas vezes) por “Onde vai”, que é como está no texto, ou melhor, nos textos originais; [...] “barulho das águas” por “marulho”, como é o certo (p. 38).

Outra passagem expressiva da obra de Gladstone a respeito da importância da escolha do texto:

Pouca gente se dá conta de como se adulteram os escritos alheios. É uma conspiração de tipógrafos, editores e revisores. Frequentemente, o tipógrafo lê o que conhece e não o que está escrito; o revisor, ignorando uma forma ou construção substitui-a por outra que lhe é familiar; o editor, que toma a seu cargo a publicação de uma obra, acha que deve fazer ao autor a caridade de corrigir-lhe os erros (p. 49).

São conclusivas, a propósito das edições, estas palavras do filólogo:

Cumpr sempre verificar se os textos que temos à mão merecem fé, retratam de fato o que o autor escreveu, se não estão alterados ou modernizados, coisa que ocorre com extrema frequência e portanto exige extremo cuidado (p. 39).

Passei, então, a desconfiar das gramáticas, das antologias, dos textos dos livros didáticos que não precisavam as suas citações: indicação do autor, obra, edição, local e nome da editora, data de publicação, página(s) citada(s).

Com base ainda na lição de Gladstone Chaves de Melo, é que, como aluno calouro de Letras, passei a me preocupar com a fidedignidade da edição de uma obra.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Este desprezioso depoimento visou ao objetivo central de mostrar, através de quatro pontos concretos, como a orientação dada por uma obra de um grande mestre, de indiscutível autoridade, pôde ser fundamental para a minha formação de professor de Língua Portuguesa. Hoje, neste limiar de século, os quatro pontos focalizados – como estabelecer as normas gramaticais, a variação lingüística, o papel da Estilística e a relevância do texto fidedigno – talvez sejam do conhecimento dos que concluem a graduação em Letras. Para a minha geração – os que concluíram o curso universitário no final dos anos 50 -, *Introdução à filologia portuguesa* foi um livro, sem dúvida, pioneiro, “um marco em nossa bibliografia”, como bem reconheceu Adriano da Gama Kury na apresentação à quinta edição (de 1974). Enfim, ao ler a *Iniciação*, tive aquela sensação, que ainda posso registrar tantos anos decorridos, de bem estar, de prazer, proporcionada pela compreensão do lido e da sua importância para o crescimento intelectual do leitor.